

Novos espaços podem aproximar pessoas

O projeto que venceu o concurso para a criação da cidade, de autoria de Lúcio Costa, se inspirou no que havia de mais moderno na visão urbanística da época. E o papa deste desenvolvimento era **Le Corbusier**. No seu livro básico, ele definia quais as funções que uma cidade deveria ser capaz de atender para o exercício da urbanidade: habitar, circular, trabalhar e cultivar.

Neste sentido, Lúcio Costa pensou a cidade, o Plano Piloto, bem entendido, em quatro escalas: a escala residencial, composta pelas superquadras, a escala bucólica, que são as áreas verdes, os jardins, a idéia mesma de cidade parque. A escala monumental é aquela que daria o caráter grandioso à cidade, de capital incluídos aí o Eixo Monumental, a Esplanada dos Ministérios, a Praça dos Três Poderes e, finalmente, a escala gregária, a do encontro, da convivência, que seria constituída fundamentalmente pelo centro urbano, os setores de Diversões Sul e Norte, os setores Comerciais e Bancários.

Outro fundamento da concepção original do projeto está na circulação. Lúcio Costa, diz o diretor do IPDF, se utilizou do que havia de mais moderno e avançado na técnica rodoviária: separar a circulação de veículos da circulação de pedestres. “É a cidade que é cortada ao meio e dividida em duas partes que não se transam entre si. O Eixo Rodoviário é isto, não é uma avenida urbana, é rodovia, por isso os carros passam em alta velocidade, é o eixão da morte”, diz.

Para Benny Schvasberg, não se trata de criticar o projeto de Lúcio Costa mas de entender as dificuldades que estas concepções encontram no momento de sua realização: “A setorização da cidade criou, na verdade, um sentido de segregação, é difícil as pessoas se agregarem. O problema da circulação, que separa veículos de pedestres também reforça esta segregação”, explica. (ARP)